

ROMEIROS DO MEU

CAMINHO

EUDALDO LIMA



BILLY GAMMON

Própria e pessoalmente, vim a conhecer Billy lá pelos idos de 1950, quando, presidente do Sínodo “Bahia-Sergipe”, tomei parte ativa na Comissão Executiva do Supremo Concílio. Esse Sínodo que foi organizado com grande amor e com os santos propósitos de limpar a Igreja dum pietismo doentio, foi dissolvido em julho de setenta e quatro, altas horas da noite, pelo egoísmo puramente utilitarista e a raposicè herodiana dum político ladino e sem entranhas, cujo nome significa violência, acumpliciado por eleitorado composto daquela facção de inocentes úteis que compõem o grupo de gente séria; os acomodados, aqueles que deixam ficar assim para ver em que dá; e o terceiro grupo, o dos aproveitadores, os espertalhões que sempre têm os olhos nos proveitos do empreguismo por vir, gente que, sem o mínimo de respeito pelo que outros edificaram, de outra coisa não cura a não ser demolir feitos, enxovalhar bons propósitos e tripudiar sobre quem não lê pela tal cartilha arcaica, vesga e truncada de sua velhacaria suspeitíssima. Isto veio desembocar no pesadelo que, desde então, caiu sobre o nobre povo presbiteriano.

* * *

Minha lembrança de Billy relaciona-se com aquele prédio antigo de número 35 da Rua Alzira Brandão, na

Tijuca, no Rio, no tempo, um próprio da Igreja Presbiteriana do Brasil e onde a Executiva, fazia suas reuniões. Ali ela compareceu, seu nome foi indicado e ela foi então eleita Secretária Geral do Trabalho da Mocidade Presbiteriana.

Ela abraçou seu encargo com tal entusiasmo e com tal devotamento, que, em questão de meses, as atividades da juventude presbiteriana eram um movimento abrangente, vivo, dinâmico e admirável por todos os quadrantes do país. E então, a mocidade teve sua vez.

Billy era a alma, o cérebro e o pulso desse movimento que não apenas dinamizou e aviventou a gente moça presbiteriana, mas extrapolou sua influência e seu dinamismo à juventude de outras Igrejas co-irmãs. Foi então que a Mocidade Presbiteriana se congregou em setores de atividades diversificadas, como Imprensa, com o Jornal Mocidade; Confraternização, unindo jovens presbiterianos de todos os quadrantes do país, além de inspirar jovens de outras Igrejas; Estudos das Causas Presbiterianas em notáveis congressos, como foi aquele feito do Congresso da Bahia, sob a liderança do saudoso Waldemar Xavier tão cedo e tão tragicamente arrebatado de nossa convivência; o movimento especial de todos os Secretários-Presbiteriais de Mocidade nos encontros anuais dando nota de unidade, conagraçamento e acatamento às autoridades eclesiásticas; enfim, um verdadeiro movimento de beleza e força espiritual que Billy inspirava e comandava nas bases de sua fé e de seu acendrado amor à gente moça de nosso grande país.

“Forças ocultas”, porém, trabalharam o ânimo de alguns “donos-de-igreja” e um dia aziago qualquer, uma reunião desses “líderes”, se me não falha a memória, em Campos do Jordão, teve lugar o esvaziamento dessa obra abençoada entre a Juventude, após quase uma década de vibração e de trabalhos profícuos. E assim duma hora para outra, ficou Billy sem chance para seu labor. Tais decisões de cima para baixo levaram Billy, como diríamos... a murchar. E, com efeito, ela empalideceu o ânimo e apagou-se-lhe o brilho daquela beleza de obra inspiradora e frutífera.

Não tenho segurança nem maior interesse aí pelas datas, marco apenas os sucessos no tempo.

Quando a 21 de abril de 1960 tomei parte na minha última reunião do Conselho Inter-presbiteriano na Capela-de-Madeira da Igreja Presbiteriana, no Núcleo Bandeirante, quando da inauguração de Brasília, ficara eu já praticamente envolvido com o trabalho presbiteriano na Nova Capital, visto que naquela reunião do CIP o saudoso Rev. Natanael Emerick, pioneiro da obra do Supremo Concílio em Brasília, renunciava seu lugar como missionário da I.P.B. no Planalto. Assim perdi Billy de vista por certo tempo até que, quando já depois do golpe-de-Estado de 1964 ela me aparece em Brasília e vem como professora de Literatura e de Língua Inglesa na Universidade Nacional de Brasília.

Ninguém desta nossa geração pode olvidar o que aconteceu na UnB naqueles dias ominosos. A polícia invadiu a escola, o espancamento e a tortura de estudantes estavam na ordem do dia. Quem pode esquecer o que aconteceu a Honestino e seus companheiros de resistência ao desmando?

E Billy era professora dessa moçada que vivia caçada, escoraçada, presa e torturada.

Ao chegar a Brasília ela como que veio muito ressabiada com gente de Igreja e especialmente com gente presbiteriana de quem ela não sabia a opinião sobre suas atividades na Escola. Assim ela não teve freqüência definitiva a nenhuma Igreja, visitando-as uma por uma, sem fixação.

Foi, porém, nos dias terríveis, fins do Governo Costa e Silva e princípios do Governo Médici que a segunda e mais terrível onda de terror varreu a UnB. Nesse tempo eu pastoreava já a nova Igreja Presbiteriana de Brasília. Naqueles dias ninguém, velho ou moço, podia andar pela rua com cadernos, livros ou coisas que parecessem estudo. Isso levava à cadeia em minutos.

Mais de uma vez tive de ir ao Delegado do DOPS em companhia do presbítero e meu amigo inseparável e incondicional, o Cel. Paulo de Oliveira e Silva, pedir por estu-

dantes detidos. E Billy descobriu essas minhas idas e vindas ao Delegado por causa de estudantes presos. Uma boca-de-noite procurou-me ela para que eu fosse em sua companhia onde está situada na Entrequadras 311/312 a Delegacia de Homicídios, pedir licença para levar a treze estudantes ali presos, sem alimento nem agasalho, alguma coisa de ajuda e um pouco de solidariedade. O homem do DOPS já me conhecia e quando pedimos licença para levar aos estudantes alguns sanduiches, refrigerante e agasalhos, o homem não só permitiu como se desculpou: — Que não tinha meios de dar conforto a eles, que eram ali trazidos e amontoados no chão de cimento. Naquela noite Billy e eu levamos, inclusive, alguns colchonetes para aliviar a situação dos rapazes ali jogados no chão duro e frio da Delegacia de Homicídios. Billy além desse refrigerio, demorava-se ali a falar com eles na esperança de dias melhores. Toda aquela atividade dela em benefício de seus alunos, de que estou dando simples e diminuta amostra, levou-a a ser demitida como professora da UnB, com mais de trinta outros professores, mestres do mais elevado gabarito intelectual e profissional, naqueles dias, e não só a demissão, porém, muitos deles foram desterrados e escoraçados pela polícia. Havia um professor de Psicologia que, por ser americano, não parecia pairasse restrição sobre ele, seus alunos, porém, só por que eram alunos, passaram por enormes vexames. Certa manhã um grupo desses alunos encontrava-se, no porão do então pavilhão de Psicologia, fazendo experiências de reflexo condicionado, com ratos brancos, quando ouviram tiros no Campus. Foi naquela ignominiosa manhã do tiroteio quando a polícia atirava nos estudantes. O grupo ali no porão quis sair, mas descobriu que a única escapula pela única escada, estava vigiada por um brutamontes, guarda do DOPS. Entre os estudantes havia um que fazia judô e estava chegando à faixa-preta. Esse disse ao grupo. Não vamos ficar encurralados como ratos na ratoeira. Acompanhem-me que eu vou espichar esse bruto no chão e correremos todos espalhados pelo cerrado. E assim

foi. Quando o estudante judoca aproximou-se do guarda, nenhum dos outros soube como, só viram aquele par de pernas cambetear no espaço e o galalau ficar estendido no chão enquanto eles ganharam o cerrado, cada qual para seu lado. Este foi o ambiente a que Billy resistiu. E pode alguém assegurar que o que lhe veio a acontecer fosse apenas acidente? Ela viveu seu munus de mestra com dignidade a despeito dos perigos ao redor.

Por aquele tempo estava o governo às voltas também com milhares de homens, mulheres e crianças deslocados e que engrossavam cada dia mais, uma favela ali bem na entrada da Capital da República. Tomava aquela invasão todo o lado direito da pista na saída Sul, antiga via para São Paulo, bem em frente ao Núcleo Bandeirantes, a chamada invasão do I.A.P.I.

Tomou o governo uma das suas geniais providências: resolveu esconder das vistas dos visitantes que entravam em Brasília, vindos do Sul, aquela favela miserável de miseráveis flagelados, e abriu umas pistas acima e por trás de Taguatinga, para ali esconder a chaga social. Dest'arte a celeberrima Comissão de Erradicação das Invações, engendrou a Ceilândia, onde a sigla encabeças o topônimo, para ser o depósito-de-pobres do Governo Médici, e para ali levou com os miseráveis barracos e tudo, só no primeiro mês — a estatística é do próprio governo — noventa e três mil pessoas com sua fome e toda sua miséria moral e física.

Por esse tempo, Billy começara lecionar no CEUB. Entendo que pela boa influência de bom amigo, dos tempos da Mocidade, o Presbítero Esaú de Carvalho, jornalista acreditado junto ao Congresso e professor de Comunicação e Jornalismo naquela Universidade.

Billy ao mesmo tempo, achou, na Ceilândia um campo para sua atividade evangélica, num entendimento maravilhoso da sabedoria salomônica, da poesia de Castro Alves, "Quem dá aos pobres empresta a Deus" e do ensino de Jesus quando disse: "Tudo o que fizestes a um desses pequeninos a mim me fizestes". (Mat. 25:40)

Velho amigo e missionário jubilado João Miller, no afã de assistir aquela população paupérrima, ali jogada ac Deus-dará, criou na Ceilândia um trabalho evangélico assistencial com o fim de ajudar na promoção humana daquele imenso grupo social. Esse trabalho é o Pró-Gente, que funciona e beneficia pessoas naquele local.

Ali Billy achou campo para uma atividade ajustada a seu generoso espírito cristão e missionário.

Agora ela estava vivendo um período de paz num trabalho de amor em que sua alma se deleitava. De vez em quando aparecia ela em nossa Igreja. Fizera conosco uma amizade preciosa e cultivava conosco interesses afins.

Aconteceu, por esse tempo, num cair-de-noite, não se me dá da data, recebi um chamado telefônico de meu amigo, irmão em Cristo e parente por afinidade Esaú de Carvalho, como se me desse uma cacetada no crâneo, comunicando-me que Billy, ao voltar do trabalho para casa, na altura da superquadra duzentos-e-cinco, ao sair de uma padaria, fora atropelada por um carro que a abalroou e desapareceu. Além desse aviso, me confirmou que ele e a Universidade estavam cuidando do caso e me pedia que entrasse no mesmo circuito para ajudá-lo. Do choque veio ela a falecer e seu corpo fora levado para o Instituto de Medicina Legal.

Pela Providência divina, era então Diretor daquele Instituto nosso irmão, Dr. Isaque Ribeiro, a quem procurei pessoalmente e expliquei de quem se tratava e ele nos liberou imediatamente o corpo, que levamos para nossa Igreja onde realizamos um ofício fúnebre, antes de ser o mesmo transportado para Lavras — Minas, onde ela nasceu, cresceu e viveu no lar de seus pais.

Billy era filha dum legítimo estadista presbiteriano, Ministro do Evangelho e educador de raros méritos. Rev. Dr. Samuel Gammon e sua esposa D. Clara, casal que dera a vida inteira ao serviço da fé evangélica e da formação da juventude, ali na cidade de Lavras nas Alterosas.

Billy fez o curso primário e o secundário respectivamente na Escola Carlota Kemper e no Instituto Gammon, ali em Lavras. Os cursos de grau superior ela os realizou na América do Norte. Licenciada no Flora Macdonald College (Bacharel em Artes) e o mestrado na Drew University — Madison, New Jersey. Seu currículo, um rico elenco de estudos de extensão, funções e encargos vários e altamente preciosos.

Desde seus estudos em Lavras que ela envolvia-se com as atividades da juventude. Hoje são milhares de moços que, na quadra de sua formação para a vida, foram plasmados intelectual e espiritualmente pelos Gammon e eram colegas contemporâneos e amigos de Billy.

Ali naquele culto do ofício fúnebre estavam senão todos, a absoluta maioria dos gammonenses que residem em Brasília.

Meu trabalho pastoral cruzou caminho com as atividades evangélicas de Billy, e agora no fim de sua carreira luminosa pela humildade e a modéstia, nós nos encontramos em nome do Senhor, para aquela despedida. Amigos, mui chegados, conseguiram transporte especial para levá-la à cidade de seu berço, a ser sepultada, na linguagem das Escrituras, “no sepulcro de seus pais”.

Dias depois, sua mana Alice e seu irmão Audley, vieram ver as coisas modestas que ela deixara. Para conservar algo dela, adquirimos uma escrivaninha e uma cadeira-de-balanço, esta, herança materna dela. Seus manos me apresentaram também com alguns dos seus livros, os quais conservo em minha biblioteca particular de consultas.

Há, por certo um débito imenso de gratidão que a Igreja Presbiteriana do Brasil deve à memória de Billy Gammon. Não sei de qualquer nota ou registro que a Igreja oficialmente tenha feito pela memória dela. Se o fez e eu não tive conhecimento, fico em paz sobre o assunto, se nada fez, o débito moral está em aberto.

Sabemos que um grupo daquela mocidade dos dias de Billy se reuniu na Igreja Presbiteriana de Madureira no Rio,

num culto dirigido pelo Rev. Abimael Etz Rodrigues. Ali se rememoraram os trabalhos e a dedicação de Billy. Cumpre á I.P.B., oficialmente lembrá-la e agradecer a Deus a dádiva de vida tão preciosa e inesquecível.

Encontrei naquele transe de sua passagem tão drástica, dessa dimensão terrena, para a vida eterna, muitos dos que foram beneficiados, como moços nos dias da benfazeja atividade dela, todos com lágrimas nos olhos, chorando sua saudade.

Como inspiradora e genuína líder da mocidade, Billy será sempre lembrada por aquela geração de moços que hoje está à frente do trabalho das Igrejas, geração a quem ela tanto deu de si mesma, a ponto de se poder dizer dela em relação, particularmente, à mocidade presbiteriana, o que disse São Paulo de si mesmo em relação aos cristãos de Corinto, quando lhes asseverou: "De boa vontade me deixarei gastar por amor de vós". (II Cor. 12:15). Com efeito, Billy muito se gastou de boamente, ao fim de abrir clareiras na obra ingente das atividades da juventude presbiteriana brasileira, pelo que bem se lhe pode aplicar também a verdade bíblica do Apóstolo das Gentes a respeito dos macedônios de quem Paulo escreveu: — "deram-se a nós, mas primeiramente ao Senhor". (II Cor. 8:5).

Billy fez de si mesma uma dádiva a seu Senhor e aos irmãos a quem ela serviu na Igreja Presbiteriana, no CEUB, na Universidade Nacional de Brasília, e promovendo pobre a gente entre a pobreza de Ceilândia, em seu genuíno papel de sal da terra e luz do mundo. E em tudo o que ela fazia e dizia, deixava transparecer, nos gestos, nas atitudes e até mesmo na delicadeza do falar, a imitação de seu Remidor, Senhor e Mestre, Jesus Cristo em Sua humildade, amenidade e mansuetude.

"Bemaventurados os mansos, porque herdarão a terra, e os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus". (S.Mat. 5:5 e 9)